



## **MENSAGEM AO POVO DE DEUS NO CONTEXTO DA PANDEMIA E DA SEMANA SANTA 2021**

Registro n. 03  
Barreiras, 26 de março de 2021.

1

Querido Povo de Deus, amados diocesanos,

Deus é Bom! Deus é Bom sempre!

Somos convidados em todos os lugares e em todas as circunstâncias a termos um olhar de fé e de esperança, nutrido pela certeza de que Deus nos ama e sua bondade “é de sempre e para sempre”. Nem mesmo tempos terríveis e tragédias dolorosas podem ofuscar nossa fé, afogar nosso amor ou roubar-nos a esperança, pois caminhamos como “degredados filhos de Eva” na certeza de que atravessaremos este vale para subirmos a montanha sagrada. O Senhor nos acompanha nesta travessia cheia de perigos e incertezas, mas num rumo seguro e num objetivo claro: a vida nova em Cristo, a superação da morte pela ressurreição que celebraremos nesta Páscoa. Somos povo de Deus que caminha à luz da fé, buscando sempre persistir no caminho da honestidade, do respeito e da vida reta, inspirados nos mandamentos de Deus.

Nossa comunidade eclesial atravessa este momento difícil que atinge todo o Brasil com um sistema de colapso na saúde, e não somos ignorantes e nem indiferentes a esta realidade. Os sofrimentos são muitos e os riscos são agravados pelas novas variantes da COVID-19, algumas mais contagiosas e letais que a original.

A Igreja não pode e não está alheia aos sofrimentos do povo de Deus. A exemplo de nosso Divino Redentor - de quem é o corpo místico na terra - dirige “preces e súplicas, com forte clamor e lágrimas” (Hb. 5,7) Àquele que pode nos livrar da morte eterna, bem como da desesperança e do egoísmo, conservando-nos com a força necessária para prosseguirmos na fé, na esperança e na caridade.

Fiel discípula Jesus Cristo, a Igreja está ao lado de todas as pessoas, sobretudo dos pobres, dos sofredores e dos necessitados. Nosso Redentor apresentou no texto de Isaías (cf. Lc. 4,18-19) o seu itinerário que deve ser também o da Igreja. Ele deu a vida pela humanidade, expulsou demônios e ressuscitou os mortos, por isso continuando sua missão ela não pode ficar alheia a tantas pessoas que sofrem por causa de doenças e, sobretudo, da COVID-19.

Consideramos como lamentável a tragédia cotidiana que nos envolve com as incertezas no campo da saúde, no campo político-social e também nas instáveis aplicações dos decretos do poder constituído acerca do enfrentamento da COVID-19. A Igreja sabe e compartilha da preocupação com a preservação da saúde biológica, mas como Sacramento de Cristo no coração do mundo, não pode descuidar da saúde da alma e deve ser sempre porta aberta para acolher a todos, para confortá-los, animá-los com a força dos sacramentos e da pregação da Boa Nova.

No atual contexto da pandemia, ela busca - sem descuidar de sua ESSENCIAL, NECESSÁRIA e curativa ação evangelizadora - a adoção de novos hábitos e novas práticas para constituir um novo estilo de vida, convidando também seus fiéis. Esse novo estilo que afeta nossas celebrações presenciais tem sido marcado pelo indispensável distanciamento social que não é isolamento e sim, cuidados sanitários adotados em consonância com os decretos implementados pelo poder público, pelas realidades diversas e particulares de cada município de nossa Diocese.

Como Igreja inserida no contexto da sociedade humana, temos cumprido zelosamente nossa missão colaborativa ao consultar periodicamente as autoridades constituídas, sobretudo diante das incertezas e interpretações que se podem fazer a partir dos decretos expedidos e da forma como nos chegam. Diante disso, podemos afirmar com convicção de que, até este momento, não houve nenhum indício de que nossas igrejas, tendo adotado as medidas de segurança, sejam locais de contágio ou propagação da doença; ao contrário, há comprovação de que as igrejas que respeitam as medidas sanitárias atuam como fontes de esclarecimento e de orientação à população para colaborar na prevenção e nos cuidados necessários, verdadeiro auxílio na conscientização daqueles que a frequentam.

A Igreja Católica que sobreviveu a guerras, pandemias, catástrofes e outras vicissitudes nestes mais de 2 mil anos de sua existência sabe, por experiência própria, que o valor absoluto é sempre o da vida. Nas mais graves situações, ela sempre se manteve unida e solidária, sendo um porto seguro para aqueles que corriam e correm o risco de naufragar. Não deixaremos de realizar esta missão.

Mesmo com as limitações do presente momento, estamos prontos para socorrer e aliviar aqueles que sofrem, pois a comunidade dos fiéis, discípulos de Jesus, tem como obrigação primária testemunhar o Senhor da Vida e agir em clima de cooperação com as entidades civis e autoridades constituídas em vista do bem-estar social. Mas nunca descuidando dos seus legítimos direitos constitucionais e de sua irrenunciável missão de anunciar a boa-nova da salvação provendo os meios materiais e espirituais necessários aos fiéis em vista de seu bem-estar, de seu progresso humano e de sua salvação.

Acreditamos que esse tempo passará, como esperamos que também passe o tempo das discórdias, conflitos desnecessários, agressões gratuitas, intolerância e desrespeito despertados nessa pandemia. O autor do Eclesiastes nos fala do valor da vida, de sua brevidade, e como ela é afetada na sucessão de circunstâncias e situações que a envolvem, quando diz “Tudo tem seu tempo. Há um momento oportuno para cada coisa debaixo do céu...” (Ecl 3,1).

Pensemos que o tempo da pandemia não pode ser assumido, por nós crentes, como um tempo de matar, de destruir, de chorar, de lamentar, de jogar pedras, de afastar, de perder, de jogar fora, de rasgar, de calar, de odiar e de guerrear. Esse tempo deve ser entendido e acolhido pelos que creem em Deus e na nova humanidade em Cristo como um tempo de nascer, de plantar, de curar, de construir, de esperar, de agradecer, de unir, de procurar o bem do outro, de costurar as relações, de proclamar a verdade, de amar e de construir a paz. Que a humanidade seja capaz de construir uma sociedade aonde o progresso não elimina o processo de humanização e de solidariedade, mas se torne a busca pelo aperfeiçoamento técnico, científico, humano e social, **nunca esquecendo a fundamental dimensão da espiritualidade.**

Sirvo-me das palavras de Cora Coralina para recordar uma vontade que toda pessoa, movida por um desejo sincero de vida plena - e nenhuma vida particular será plena enquanto existirem vidas destroçadas pela maldade e por suas consequências - necessita alimentar em si,

o desejo de melhorar a cada dia e ser bom. “Tenho consciência de ser autêntica e procuro superar todos os dias minha própria personalidade, despedaçando dentro de mim tudo que é velho e morto, pois lutar é a palavra vibrante que levanta os fracos e determina os fortes. O importante é semear, produzir milhões de sorrisos de solidariedade e amizade. Procuro semear otimismo e plantar sementes de paz e justiça. Digo o que penso, com esperança. Penso no que faço, com fé. Faço o que devo fazer, com amor. Eu me esforço para ser cada dia melhor, pois bondade também se aprende!”

Precisamos aprender, reaprender ou fortalecer a bondade porque Deus é Bom! E ser bom é o melhor caminho para vencer os males e os sofrimentos! É inerente ao cristão amar e servir, importar-se com o outro e, a modo do Samaritano da parábola, cessar seu trajeto e seus interesses particulares diante da necessidade de um ser humano caído, destroçado à beira do caminho, mesmo que ele não seja da sua religião ou da sua Igreja, mesmo que ele não seja do seu partido ou convicção ideológica. Ainda que o outro não partilhe as mesmas ideias e concepções sobre o mundo, ainda assim partilhará da mesma humanidade e continuará sendo o próximo que Deus coloca em nosso caminho.

Na mensagem dirigida aos jovens, durante a Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, em 2013, em que disse “Não tenham medo do compromisso, do sacrifício e não olhem com medo o futuro; mantenham viva a esperança, sempre existe uma luz no horizonte”, o Santo Padre, o Papa Francisco, nos lembrava o que Cristo espera de nós nesse tempo e em todos os tempos. Não deixemos que a pandemia nos roube a esperança, não deixemos que o medo da enfermidade nos roube solidariedade, não deixemos que os interesses ideológicos nos roubem a fé e o amor. Cuidemos da vida, tanto a vida natural como também a vida sobrenatural, porque de nada vale a uma pessoa ganhar o mundo inteiro e perder-se de si mesma, do sentido do existir, da dimensão profunda que a torna verdadeiro ser humano e filha de Deus.

Estamos nos aproximando da Semana Santa, momento forte que, por seu significado profundo, falará muito ao coração de todos nós, pastores e fiéis. É o tempo de participarmos liturgicamente da paixão, morte e ressurreição de nosso Divino Redentor. Neste contexto de pandemia nos uniremos à sua paixão e sofrimento com todas as angústias, aflições, dores e sofrimento que nosso povo experimenta nas privações decorrentes da diminuição da renda necessária para a manutenção da vida; no fechamento de postos de empregos; nas enfermidades físicas e agravamento das enfermidades psíquicas; na saudade dos que faleceram; na falta dos encontros familiares; no cansaço dos profissionais da saúde e de outros servidores que trabalham e se arriscam na linha de frente de combate à pandemia, bem como na tristeza dos que têm sua vida espiritual reduzida pela impossibilidade do acesso pleno à vivência de sua fé em comunidade.

Vivamos essa Semana Santa fazendo memória do mistério da Paixão e da Páscoa, na firme convicção que a morte não tem a última palavra sobre nós, como recorda São Paulo: “A morte foi tragada pela vitória; onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?” (1Cor, 15,55). A vida exige ser nutrida da experiência e da presença de um Deus que se fez humano, solidário, próximo e disponível para oferecer, num ato supremo de dor e de amor, uma libertação dos males capazes de corromper o coração humano e contaminar toda a sociedade humana e, inclusive, destruir até mesmo a natureza, a criação. Cristo abriu-nos o caminho da nova humanidade, mostrou-nos por seu exemplo o modo de vivermos esta vida nova Nele.

Que os mistérios pascaís despertem em nós a urgência da solidariedade simbolizada na coleta da evangelização; da conversão pessoal significada nos exercícios quaresmais da oração,

do jejum e da caridade; da conversão pastoral manifestada na estruturação de comunidades eclesiais verdadeiramente missionárias e comprometidas à luz da Palavra de Deus e pela vivência dos sacramentos, com a transformação da realidade social, da construção de uma sociedade mais justa, solidária e fraterna; da edificação de relações humanas marcadas pela ternura, pela simpatia e empatia, pelos gestos concretos de cuidado com todos, especialmente, com os mais pobres e marginalizados, tantas vezes esquecidos ao longo do caminho do progresso.

Em relação à cidade de Barreiras, por sua particularidade de densidade populacional e presença de um número maior de paróquias de nossa Diocese, conscientes de nossa responsabilidade com o povo de Deus e tendo consultado seus entes administrativos - especialmente o Comando de Policiamento da Região Oeste - através do ofício interno n. 031/CPRO/SRHS, bem como ouvido pareceres de assessores jurídicos, decidimos celebrar a Semana Santa com presença de pessoas que respeitarem rigorosamente os protocolos de segurança e higiene e não pertencerem a grupos de riscos, respeitando todas as medidas sanitárias exigidas, inclusive os horários e, sobretudo a capacidade determinada. Quanto às demais paróquias, deverão se atentar tanto às exigências previstas no decreto estadual quanto às particulares existentes nos decretos municipais. Sobre as orientações práticas para a vivência dos dias da Semana Santa, presencialmente ou nos lares, vejam a **“Nota pastoral sobre a celebração da Semana Santa no ano de 2021”**, dirigida de forma especial aqueles que organizam e conduzem as atividades, mas aberta a todo o povo de Deus.

Recomendamos aos fiéis que tenham a possibilidade de permanecer resguardados em seus lares, que assim o façam. Evitem sair sem real necessidade e aproveitando este tempo para aprofundar a oração, a leitura da Bíblia, a meditação, o Santo Rosário, o diálogo familiar sobre os temas religiosos, fomentando um tempo de catequese familiar como uma pequena Igreja doméstica. Aqueles que, por motivo justo e necessário, precisarem deixar seus lares o façam seguindo rigorosamente os protocolos de higiene e segurança apresentados pela vigilância sanitária.

Estas palavras, no tempo em que vivemos, numa sociedade que tem dificuldade de crer para além do visível e do concreto, que tem dificuldade de compreender aquilo que nos transcende e nos foi revelado por Cristo, podem parecer “escândalo ou loucura”, mas para os que são chamados, Cristo é e será sempre “poder e sabedoria de Deus” (cf. 1Cor. 1,23-25).

Vamos juntos por esse caminho. A cruz não é o ponto de chegada, é a ponte que atravessaremos para entrar na Vida Nova, que começa aqui na realidade deste mundo e se tornará plena no mundo que virá.

Eu guardo todos em meu coração de pastor e em minhas orações, rezem também por mim!

Deus vos abençoe.

Uma feliz e santa Páscoa!



Dom Moacir Silva Arantes  
Bispo Diocesano de Barreiras

